

"CIDADE DAS BONECAS": ETNOGRAFIA DO COTIDIANO "TRANS" EM BELÉM DO PARÁ

Rubens da Silva FERREIRA

M.Sc. em Planejamento do Desenvolvimento Regional (NAEA/UFPA)

Vice-Líder do GP/CNPq Representação e Transferência da Informação

Esp. em Biblioteca Universitária

Bibliotecário do Campus Universitário de Bragança

rubenspa@yahoo.com

Resumo: *O presente paper visa analisar o uso do espaço urbano belenense pelas travestis. Entre as possibilidades de uso da cidade, foram observados: o uso cultural, o uso para o lazer, o uso econômico e o uso político. A partir de surveys, entrevistas, material bibliográfico e notas de campo, procurou-se compreender qual a relação existente entre o espaço urbano e os sujeitos andróginos em foco. Nessa perspectiva, verificou-se que a presença e a visibilidade das travestis no cenário urbano ocorre em função da própria natureza heterogênea da cidade, que reflete os diferentes estilos de ser e de viver de seus habitantes.*

Introdução

A cidade moderno-contemporânea é o lugar por excelência da diversidade. Nela são encontrados diferentes modos de ser e de viver, os quais acabam por constituir o mosaico multicultural que bem caracteriza o ambiente urbano. Os contrastes ideológicos, artísticos, religiosos, econômicos, sociais e sexuais são traços comuns ao cotidiano das grandes cidades. Assim, não é para menos que tal espaço ofereça inúmeras possibilidades de estudo às Ciências Sociais em direção ao entendimento da complexidade da vida nesse ambiente.

Numa perspectiva geográfica, a cidade, tomada aqui como o espaço urbano, é socialmente organizada de acordo com os usos que os sujeitos fazem dela. Corêa (1995, p.7), nesse sentido, esclarece que sua fragmentação em áreas de atividade econômica, de lazer, de habitação e de gestão estatal, são formas de apropriação e uso que, se bem analisadas, permitem configurá-la

enquanto totalidade devidamente interligada. Um aspecto dessa integração vem à tona quando são percebidas as relações espaciais operadas pelos atores sociais na vida diária, como os deslocamentos de casa para o trabalho ou deste para um cinema localizado num bairro distante. Contudo, os usos que os atores sociais fazem da cidade variam de acordo com suas necessidades, sendo, portanto, tão diversificados quanto ela.

Expostas essas considerações iniciais, o que se pretende analisar neste trabalho são os usos feitos da cidade de Belém (PA), mas com enfoque num determinado segmento social. Este segmento é representado aqui pelas *travestis*¹⁹, nascidas na capital paraense ou que para lá migraram em busca de melhores condições de vida, ou, ainda, no esforço da realização de sua androginia. É ao verificar o quanto elas estão intimamente associadas à vida nas cidades, defende-se aqui a tese de que a cidade exerce um grande poder de atração sobre as travestis em função de sua sofisticação econômica, social, cultural e sexual. Pois, de um modo geral, essa sofisticação possibilita, entre outras coisas, algumas oportunidades de geração de renda, interações sexuais e expressões artístico-culturais dificilmente encontradas nas pequenas cidades do interior do País.

Vale ressaltar, ainda, que a metífora que dá título ao trabalho é um contraponto que se faz à alusão de Belém como *cidade das mangueiras*. Notadamente, essa cidade ganhou fama por suas avenidas arborizadas com essa árvore frutífera, a qual Huber (1900) refere-se como *árvore de algodão*. Sobretudo no centro, as avenidas Nazaré, Magalhães Barata, Governador José Malcher e Presidente Vargas transformaram-se em esplendorosos “corredores verdes”. E, em determinados períodos do ano, as mangueiras (*Mangifera indica*) fornecem o fruto de polpa amarela – cujo formato lembra o de um coração (Oliveira, 2001, v.1, p. 125) – que serve de fonte de renda aos coletores urbanos provenientes dos bairros periféricos da cidade.

¹⁹ O emprego do artigo feminino procedendo o termo travesti foi determinado não apenas porque esses sujeitos têm reivindicado o tratamento na forma feminina (Mora, 2000, p.47, nota 66), mas porque os processos comunicativos entre si, com clientes, amigos e familiares, ocorrem predominantemente através de classes gramaticais desse gênero, consistindo, portanto, num traço peculiar dessa subcultura homossexual. Os pronomes que usam em substituição aos seus nomes patronímicos também obedecem ao estilo de vida das travestis e, conforme Friedlich, funcionam como a “ruptura do indivíduo com o seu universo familiar” (1976, p. 68), permitindo-lhes converter o pronome masculino em feminino, a exemplo do que fez Rainaldo ao desmasculinar-se Raíssa. Assim, alerta-se aqui para o fato de que as formas de tratamento expressas em artigos, substantivos, adjetivos e pronomes femininos constituem elementos referenciais da identidade dos sujeitos em questão.

Mas, apesar do poder evocador das mangueiras como símbolo identitário da capital paraense, o cerne da discussão aqui proposta situa-se no elemento humano, uma vez que é este quem imprime dinâmica à paisagem urbana. E qual seja a categoria dos atores sociais selecionados para estudo, o certo é que ela irá revelar sempre uma forma diferente de viver e relacionar-se com o ambiente urbano. Assim, ao procurar sentido nas relações entre as travestis e a cidade de Belém, optou-se pelo viés antropológico, uma vez que se está a lidar com indivíduos que constroem um estilo de vida muito particular.

O material que serve de base a este trabalho constitui-se do “excedente empírico” resultante de *surveys* realizados na capital paraense no período anteriormente referido, de coleta dos frutos da mangueira. O material bibliográfico reunido, as entrevistas e as notas de campo foram analisados conforme as recomendações de Oliveira (1996, p.15) e Simonian (2000, p.12) quanto à realidade vista, ouvida e sentida nos espaços da cidade de Belém apropriados pelas travestis.

Astare, expostas essas observações metodológicas, segue este artigo com uma abordagem histórica e conceitual acerca do travestisano, permeado ainda com a contextualização de Belém, enquanto espaço referencial da pesquisa e sobre o qual coexistem diferenças de toda ordem. Posteriormente, faz-se a exposição dos usos do ambiente urbano dessa cidade pelas travestis, dentre os quais se podem observar aqueles de caráter cultural, de lazer, econômico e político. Por fim, são feitas as considerações finais quanto à interação desses indivíduos com o ambiente urbano.

1. As “Bonecas” e a cidade de Belém

Historicamente, o travestisano é uma ocorrência sociocultural muito recente ao surgimento das cidades moderno-contemporâneas. Trabalhos como os de Schimarch (1992), Lang (1998) e Mott (2002) dão conta de que homens assumindo o papel feminino e trajando-se enquanto tais podiam ser encontrados em sociedades remotas. Entretanto, a aceitação de comportamentos dessa natureza era um fator que dependia dos costumes e da cultura de cada povo. Entre os *Mandã*, por exemplo, Lang (1998, p.318) fala do *Itatã*, um vexatório que travestis¹⁹ experimentavam durante a infância

¹⁹ Nesse sentido, Mott (2002) elucida que entre os indígenas a androginia é exteriorizada de modo diferente das travestis contemporâneas, configurando-se em função das práticas espaciais, dos rituais, das atividades femininas que exercem e da prática do *Itatã*.

e a adolescência por conta de sua efeminagem. Porém, Schrimarch (1992, p.113) ressalta que, ao assumirem o papel de xamãs, tais indivíduos adquiriram considerável prestígio social. A propósito da ocorrência de travestis na função de líderes espirituais, Freyre (1997, p.100-102) mostra que a ambigüidade de gênero era um traço comum aos feiticeiros de todo o continente americano.

No Brasil do século XVI, o travestismo já era observado em algumas cidades, embora sem as proporções fenomenais dos dias de hoje. Mott (2000) cita, nessa direção, o caso de Francisco Manicongo, que, trazido de Angola pelos portugueses, se vestia permanentemente como mulher por volta dos anos de 1590. Oliveira (1994, p.98), por sua vez, menciona a passagem de três travestis que vieram da Europa com destino às Minas Gerais. Mas transcorridos esses primeiros registros de travestismo no Brasil, Belém só viria a constituir-se em 1616.

Originada de uma pequena fortificação batizada de Forte do Presépio e situada de frente para a Baía do Guajará, a fim de proteger esta conquista portuguesa dos franceses e dos holandeses, Belém, outrora Santa Maria de Belém do Grão-Pará, foi elevada à categoria de cidade em 1655 (Cruz, 1970; Tocantins, 1996; Simonian, 2002, v.1). Geograficamente, essa capital amazônica está situada ao norte do Brasil, limitando-se ao sul pelo município de Acará, a oeste por Barcarena e a leste por Ananindeua (BELÉM, [s.d.]). Este último município, aliás, juntamente com Benevides, Marituba e Santa Bárbara, compõe a região metropolitana de Belém (Simonian, 2002, v.1, p. 332). A população atual da capital paraense é calculada em 1.280.614 habitantes, dos quais 1.272.354 vivem nos 718 km² de sua área urbana (BELÉM, [s.d.]; INSTITUTO, 2000). Esta cidade que ainda traz consigo o resquício de "metrópole da Amazônia" se revelou um espaço favorável ao exercício etnográfico focalizando as travestis, sobretudo pela ambiência sexual da Belém dos dias atuais.

Contemporaneamente, os belenenses desfrutam de toda uma infra-estrutura de serviços sexuais. São *sex-shops*; pousadas de pequeno, médio e grande porte; boates hétero e homossexuais com shows de strip-music; locadoras de vídeo especializadas em filmes pornôs; agências de acompanhantes e sites locais de encontros eróticos que estão a alimentar a fantasia e a libido de homens e mulheres. A proliferação de academias de ginástica das mais sofisticadas às mais rudimentares, que funcionam como templos hedonistas no culto ao corpo, também contribui para que a cidade desenvolva um "quê" de sedução. Belém, notadamente, por sua geografia e condições climáticas, compartilha com

o Rio de Janeiro de uma certa predisposição “à exibição dos corpos” (Heilborn, 1996, p.98). As praias, o turismo, o calor e o costume cotidiano de usar roupas justas, curtas e muito decoradas permitem configurar essas capitais brasileiras como espaços nos quais a sedução é cotidianamente ritualizada.

No caso particular das travestis, é notório que o corpo assume uma importância fundamental na construção de sua identidade, o que as leva muitas vezes a submetê-lo a um processo metódico e perigoso de “transformação”. Nessa direção, elas podem ser entendidas como indivíduos que expressam sua homossexualidade numa morfologia mais ou menos feminina, chegando a provocar alterações corporais com a utilização de hormônios e de silicone industrial que, embora ofereçam riscos à saúde, permitem-lhes alcançar uma imagem muito próxima à da mulher (Beneira, 2003). Mas, na busca do “corpo ideal”, vale ressaltar que não só as travestis como também homens heterossexuais têm se utilizado de substâncias químicas nocivas ao organismo para que seus corpos inspirem o desejo no “outro”.

Entretanto, enquanto esses indivíduos de identidade psicosssexual masculina almejam reafirmar-se num corpo de homem, as travestis procuram ao distanciar-se o quanto podem deste. Segundo Girão e Lima (1999), o que elas querem é a androginia, e assim jogar com os papéis sociais na inversão dos sexos realizada dia após dia. Através de técnicas corporais (Manns, 1977, v.2) específicas, elas reinventam uma feminilidade quase esquecida pela mulher moderna. Assim, de um modo geral, as travestis levam o vestir, o falar e o comportar-se aos extremos da sensualidade, tal como foi observado nas interlocutoras contatadas em Belém.

Embora as travestis corporalmente modificadas já sejam comuns nas principais capitais brasileiras há pelo menos vinte anos e apareçam com frequência na mídia e nos desfiles de Carnaval (Parker, 1991; Matta, 1997), sua integração à vida em sociedade se dá de forma problemática. Ao se considerar os valores judaico-cristãos implantados no Brasil com a colonização portuguesa, cujo modelo de gênero definia claramente os papéis sociosexuais que cabiam aos homens e às mulheres, esse segmento social tem convivido com restrições diversas. Por sua vez, estas têm sido percebidas principalmente quanto aos espaços que podem ocupar na educação, na economia, na cultura e na política nacional.

Portanto, não é para menos que Silva (1993) compare as travestis a “avonizações” urbanas, vistas quase sempre à noite e dificilmente encontradas, como os demais sujeitos que à luz do dia ocupam-se de tare-

tas cotidianas ainda pouco comuns a elas. Por conseguinte, em face do estreitamento das possibilidades de viver em uma sociedade majoritariamente heterocêntrica, elas constroem pequenos espaços de inserção e convívio social. De todo modo, nem por serem menos expressivos, tais espaços deixam de ser contestados por grupos heterossexistas reacionários à expressão de identidades e sexualidades contrárias aos valores morais herdados da colonização lusitana.

2. As "Bonecas" e os usos de Belém

Em todo o território nacional, poucos são os espaços de uso social abertos para que as travestis possam expressar seu gênero ambivalente. De certa forma, isso ocorre porque a sociedade maior ainda as pune moralmente por conta de uma diferença sexo-afetiva não assimilada como normal. Prova disso são os constrangimentos experimentados no dia-a-dia, dos quais os insultos verbais se sobressaem pela frequência com que são dirigidos às travestis. Mas, apesar das resistências, a dinâmica urbana oferece algumas oportunidades de uso social da cidade para esses sujeitos que adotam uma leitura divergente dos papéis sexuais instituídos e legitimados na sociedade brasileira como normais. Nesse sentido, no que concerne à cidade de Belém, observou-se que as travestis apropriam-se dela para manifestações culturais, para o lazer, para a geração de renda e para o uso político, de acordo com o que lhes têm sido permitido.

No âmbito cultural, por exemplo, as travestis que vivem na capital paraense podem aproveitar dois períodos do ano para mostrar suas habilidades artísticas em público. O primeiro deles ocorre na quadra junina. Durante o mês de junho, quando são festejados os santos católicos São João, Santo Antônio e São Pedro, a Praça Waldemar Henrique transforma-se num arraial em que quadrilhas representantes dos diversos bairros de Belém disputam entre si um concurso promovido pela Prefeitura. Aliás, nesse folguedo popular, é comum a presença de homossexuais, quais sejam gays, lésbicas ou travestis, que se dedicam às atividades de dançarinos/as, coreógrafos/as e/ou estilistas. Tal presença, em especial na condição de dançarinos/as, foi tamanha nos últimos anos da década de 1990, e eles solicitaram à Prefeitura Municipal de Belém (PMB) a inclusão de um concurso reservado somente aos homossexuais no calendário junino da cidade. Dessa solicitação resultou, em 2001, o Concurso de Miss Caipira Gay.

Quando da realização do segundo concurso, em 2002, participaram cerca de trinta candidatas. Mônica Yoha, Nadine Campbell e Chaemmy foram, respectivamente, as ganhadoras do primeiro, segundo e terceiro lugares. Na premiação, foram entregues troféus e faixas com títulos de beleza, Simpatia, criatividade nos trajes e na coreografia consistiram nos quesitos avaliados por um corpo de júri e pela platéia presente, que acompanhava atentamente cada uma das candidatas. Apesar disso, há de se destacar que o Concurso de Miss Caipira Gay não tem se realizado sem a reação de segmentos ligados à organização da quadra junina que se opõem à participação de homossexuais. Contudo, a Prefeitura Municipal de Belém (PMB) tem garantido tal espaço aos gays, aos transformistas e às travestis através de sua política de inclusão social aos segmentos da população tidos como minoritários.

Já no segundo semestre, mais precisamente no mês de outubro, homossexuais de Belém ou de passagem pela cidade se reúnem na Praça da República para a tradicional Festa da Chiquita. Essa festa ao ar livre, que ocorre anualmente na noite anterior ao Círio de Nossa Senhora de Nazaré, existe desde a década de 1970 (A FESTA, [2001-]). A Festa da Chiquita é um misto de crítica, homenagens e entretenimento, que em 2003 entrou na sua 26ª versão. Sua realização, às vésperas de uma procissão católica de repercussão nacional e internacional como o do Círio de Nazaré, chama a atenção para um segmento social intermitentemente perseguido pela Igreja Católica Apostólica Romana²⁰. Contudo, os que se destacam pela defesa da dignidade dos homossexuais são honrados com o troféu "Veado de Ouro". Entre os homenageados de 2002, estavam o Prefeito Edmilson Rodrigues e o Coordenador do Movimento Homossexual de Belém (MHB), Paulo Duarte.

A animação da festa segue ao ritmo do carimbó e da irreverência das drag queens. Para o público participante, são os *shows* dos transformistas, *dis drags* e das travestis as grandes atrações da noite, pois através das performances desses sujeitos no palco é escolhida a "Rainha do Círio" (FESTA, 2002). Amanda, uma travesti de beleza copiosamente feminina, foi a ganhadora de 2002. Embora gays, lésbicas e travestis constituam parte expressiva dessa festa, bissexuais e os chamados "simpatizantes" também se juntam a essa noite de comunhão entre as diferenças sexu-

²⁰Recentemente, o Papa João Paulo II voltou a manifestar-se contra os gays, as lésbicas e as travestis. Numa solicitação aos líderes mundiais para impedirem o avanço de direitos civis aos homossexuais, o Vaticano publicou um texto em doze idiomas, que condena novamente a união civil entre pessoas do mesmo sexo (VATICANO, 2003).

ais. Mas, para os homossexuais de um modo geral, a Festa da Chiquita é aguardada com grandes expectativas, principalmente por ser uma oportunidade para reencontrar os(as) amigos(as) e até mesmo para iniciar um relacionamento sexual e/ou afetivo.

Enquanto a quadra junina e a Festa da Chiquita são opções de descontração resignadas a períodos determinados do ano, outras alternativas de entretenimento às travestis são encontradas em espaços de sociabilidade ampla e privada (D'Incao, 1994) durante todo o ano. No primeiro caso, têm-se as praias fluviais, muito procuradas por esses sujeitos para "pegar uma corzinha" (Suelma, 2002, entrevista). As boates, por sua vez, são representativas do segundo caso e tanto podem ser voltadas ao público heterossexual quanto ao homossexual.

Dos contatos realizados em campo, a ilha de Caratateua – mais conhecida como Outeiro – surgiu como um dos lugares mais procurados pelas travestis para o lazer de finais de semana, quer entre aquelas naturais de Belém quer entre as que escolheram esta cidade para viver. Dos atrativos naturais dessa ilha, a Praia Grande é a mais freqüentada pelos homossexuais. Em algumas estadas nesse local, pôde-se observar grupos de travestis e *gay* brincando de "cemitério"²¹ na areia. Noutra ocasião, viu-se uma travesti e seu namorado trocando carinhos enquanto se protegiam da chuva íntima das inúmeras barracas em que são vendidas comidas e bebidas e que estão distribuídas ao longo de toda a praia.

A simplicidade das pessoas que procuram as praias dessa ilha – pertencente ao município de Belém – faz desse lugar um ambiente de pouca hostilidade para as travestis. Em Outeiro, aliás, não é raro presenciar cenas de galanteio e assédio masculino a esse segmento homossexual. Quando da realização de um *money* na Praia Grande, avistou-se Suelma (26 anos) vestindo um minúsculo biquíni fio-dental, o qual despertara a atenção de um grupo de homens que a chamavam de "gostosa". Camila (26 anos), ao contrário de Suelma, não se sente à vontade para ficar de biquíni na praia porque acha que ainda precisa desenvolver mais suas formas corporais, numa demonstração do quanto é importante para essa travesti ter um corpo de contornos nitidamente femininos. Mas, certamente, esse clima de tolerância e assédio não é constante. Nesse sentido, Camila (2002, entrevista) relatou que o único inconveniente fica por conta das ofensas verbais proferidas por grupos juvenis que

²¹ Brincadeira popular conhecida também como queimada. Organizado em dois times, esse jogo consiste em eliminar os adversários com o uso de uma bola, só que jogada com as mãos (Pereira, 2002, notas de campo/n. c.).

se divertem ao procurar as ruas para encontrar alguns parceiros em locais e em termos venustários.

Mas, na parte urbana propriamente dita da cidade, os bares e boates são os locais que as travestis mais costumam frequentar. Curiosamente, as entrevistadas revelaram preferência pelos espaços privados voltados, em especial, ao público heterossexual. Verônica (30 anos), Suelma, Camila e Katriely (27 anos) alegaram que não gostam de ambientes homossexuais. Seja qual for a razão dessa preferência, o fato é que as relações de alteridade entre elas e *gays* dá-se em bases problemáticas. Pois, como bem observou Ferreira (2003), o preconceito tende a instalar-se entre esses grupos, ainda que eles compartilhem do desejo pelo mesmo sexo. Por conseguinte, a categoria genérica *homossexualidade* mais oculta diferenças que revela semelhanças entre *gays* e travestis.

Nessa direção, Camila citou o “Bar do Alan” e o “Cochrane” como espaços privados de sociabilidade homossexual em Belém, mas interditos às travestis. Em função disso, elas se dirigem para locais que podem frequentar para dançar, beber e eventualmente namorar²² sem restrições quanto ao seu gênero. Katriely, Verônica e Suelma, por exemplo, gostam de divertir-se na “Pororoca”, uma ampla boate situada no bairro da Sacramenta, que oferece bailes de brega frequentados por pessoas de classe média e baixa. Contudo, não só o lazer é uma questão marcada por dificuldades para as travestis como também o é a geração de renda.

Notadamente, o trabalho é uma dimensão da vida cotidiana muito problemática para as travestis. A aparência feminina e o comportamento homossexual desses sujeitos operam, na sociedade brasileira, como uma barreira que lhes cerceia as possibilidades de geração de renda. Conforme Ferreira (2003), Friedrich (1996) e Simonian (2002), elas se movimentam em ocupações pouco diversificadas, circunscritas ao campo da estética e do mercado sexual. Trabalhando e/ou administrando pequenos negócios autônomos ligados ao universo feminino, ou ainda como “profissionais do sexo”, as travestis de Belém – e por certo de todo o Brasil – obtêm o dinheiro de que necessitam para sustentar a si, e em alguns casos, aos seus parceiros e mesmo familiares.

Por conseguinte, não é difícil encontrar travestis trabalhando como cabeleireiras na capital paraense. Guta (28 anos), que mora na Terra-Firme, é uma cabeleireira conhecida pelos moradores desse bairro em função de seu

²²Ver Ferreira (2003), para entender o desejo masculino pelas travestis e o interessante jogo de papéis sexuais ritualizados entre elas e seus parceiros de identidade heterossexual.

trabalho e de sua conduta profissional ética, conforme declararam alguns deles. Na ilha de Mosqueiro, que pertence à parte insular de Belém, Vanessa (58 anos) é outra travesti que vive do ofício de cabeleireira. Mas, ao contrário de Gina, ela diversifica sua renda realizando trabalhos como estilista. Dentre esses, ela destaca as fantasias que desenha e confecciona para o tradicional concurso "Rainhas das Rainhas do Carnaval", do qual participam candidatas de vários clubes sociais da cidade.

Como Vanessa não mora na porção continental de Belém, ela lamenta a falta de uma clientela maior, com vaidade e hábitos de vestir mais sofisticados, pois essa interlocutora acredita que, "se morasse em Belém, ganharia mais dinheiro" (2002, entrevista). Tal exemplo etnográfico evidencia, assim, o quanto a cidade é representativa para as travestis no que se refere à produção de renda. Nessa perspectiva, entre as entrevistadas foram encontradas algumas que migraram de pequenas cidades das regiões Norte e Nordeste com o objetivo de ganhar dinheiro na metrópole amazônica. Marisa (36 anos), Suelma e Michelle (30 anos) são travestis que vieram do Maranhão. Docinho (18 anos), de etnia Emerillon, deixou sua tribo no Oiapoque para "fazer pista"²³ em São Paulo e, mais recentemente, em Belém.

Para algumas travestis, a prostituição constitui uma das poucas possibilidades de geração de renda ou, como no caso de Brenda (26 anos), um complemento ao dinheiro obtido em outras atividades econômicas, tais como cabeleireira, cozinheira ou doméstica. Na capital paraense, aquelas que recorrem ao *mototaxi* podem ser encontradas nas avenidas Almirante Barroso e Assis de Vasconcelos. Como constatou Ferreira (2003), os locais escolhidos para a mercantilização do prazer sexual estão estrategicamente situados nos locais de grande afluxo de veículos automotores. Em média, elas chegam a cobrar R\$ 30,00 para serem penetradas e R\$ 60,00 para penetrarem o cliente. Entretanto, o comum é que o valor do "programa" seja negociado entre as partes, uma vez que muitos clientes se recusam a pagar o preço pedido por elas. E, como Simonian (2002) demonstra a partir da realidade de Boa Vista (Roraima), no mais das vezes, tal rebaixamento de preço se dá pela necessidade de companhia e temor à solidão.

Nessa modalidade de geração de renda, há de se destacar o desenvolvimento de todo um jogo de comunicação entre as travestis e seus

²³ A expressão *fazer pista*, na gramática dos profissionais do sexo, significa prostituir-se em via pública (Ferreira, 2003).

clientes, no qual o objeto mediado é o prazer, seja na forma do gozo ou do dulcíssimo obtido com o uso venal do corpo. Assim, o modo de andar, o postural, a voz em tom agudo e os trajes que promovem os contornos corporais fazem parte de um arsenal de sedução inspirado nas técnicas corporais culturalmente aprendidas pelas mulheres.

Pelo que se pôde constatar nos contatos realizados a partir de *interviews*, quando buscam as cidades para o exercício da prostituição, as travestis almejam, sobretudo, aperfeiçoar uma feminilidade que seria difícil de levar a cabo numa cidade pequena do interior do País. É nas grandes cidades que elas conseguem ter acesso à tecnologia do corpo que as torna “mais desejáveis” para seus clientes e/ou namorados, tal como é o caso de Raissa (36 anos), cuja plástica corporal sequer faz lembrar o corpo masculino com o qual nasceu. Desse modo, se as travestis que se ocupam da atividade prostitutiva atraem seus clientes por sua androginia, as cidades as atraem por seu modo de vida intenso, ininterrupto e capitalista.

Mas se elas se destacam na paisagem urbana por sua presença sensual nas ruas de Belém, o mesmo não se pode dizer quanto à ocupação política. Notoriamente, há muito por se avançar quanto à conquista de direitos cidadãos para as travestis. Apesar disso, constatou-se durante a realização da pesquisa que a dimensão política tem ocupado pouco espaço na vida desse segmento social. Desse modo, o MIBB, a Parada do Orgulho Gay e o Congresso dos Direitos Humanos são espaços de contestação à discriminação sexual e de reivindicação de melhores condições de vida aos quais as travestis têm recorrido minimamente.

Uma evidência nesse sentido é o fato de que Raissa (26 anos) é a única travesti que atualmente participa como militante do MIBB. Essa entidade da sociedade civil, sem fins lucrativos e engajada na defesa da cidadania para homossexuais, existe desde 1991 (ESTATUTO, 1992), mas, ao longo dos seus anos de atividade, ela não tem conseguido arremeter membros travestis para a sua organização ou mesmo atraí-las para suas reuniões. O coordenador dessa entidade, Paulo Duarte (42 anos), explica que elas resistem em integrar-se ao MIBB por falta de “consciência política” (2003, entrevista). As que vivem da prostituição, porém, alegam, entre outras razões, que as reuniões do movimento ocorrem em dias e horários impróprios à sua participação. Vê-se, nesse sentido, que a coordenação do MIBB precisa desenvolver estratégias que sensibilizem esse segmento homossexual a interagir melhor com tal entidade.

A falta de um contato mais efetivo entre as travestis e o MIBB acaba por se refletir, também, em outras instâncias da ação política por e para

homossexuais. Na Parada do Orgulho Gay, que ocorre anualmente na capital paraense, sempre no dia 28 de junho, tem-se notado a inexpressiva adesão de travestis. Desde que esse ato público – inspirado no *Gay Pride* estadunidense – vem sendo realizado em Belém, o que se tem notado em campo é a grande discrepância entre o número de travestis que se fazem presente na *parade* para o *travestir* e o número insignificante desses sujeitos vistos na já referida Parada.

Em termos quantitativos, somente quatro (04) travestis estavam presentes na primeira Parada de 2002. Por outro lado, cabe ressaltar que, só na avenida Almirante Barroso, existem cerca de 40 desses indivíduos trabalhando como “profissionais do sexo”. Desse modo, há entre as travestis um suposto desinteresse para com a Parada do Orgulho Gay, provavelmente por acreditarem que essa mobilização pouco pode mudar quanto aos processos discriminatórios que enfrentam na sociedade local, o que, de certo modo, não é um pensamento de todo errôneo, posto que tal Parada confere-lhes no mais das vezes apenas uma visibilidade contra os esforços de agentes sociais, políticos, econômicos e religiosos em torná-las invisíveis enquanto cidadãs/ãos.

No Congresso dos Direitos Humanos promovido pela PMB, a situação não é diferente. Ao reunir vários segmentos minoritários, tais como negros, mulheres, índios, deficientes e idosos, esse canal de comunicação entre o poder público municipal e a sociedade local tem assistido com uma discreta participação de travestis. Contudo, um comentário em particular quanto ao espaço de discussões políticas representado pelo Congresso dos Direitos Humanos refere-se à modalidade de participação desses sujeitos. Em 2002, Raíssa (26 anos), Vanessa e Cris Taylor (37 anos) utilizaram-se da oportunidade que tinham para tratar das dificuldades diárias que enfrentam em Belém de modo bem diferente do que o fizeram os demais segmentos minoritários. Enquanto jovens, mulheres, índios, negros e deficientes físicos recorreram ao relato puro da problemática que vivem cotidianamente, as travestis procuraram comunicar-se com o público presente através de um aspecto muito comum à sua subcultura.

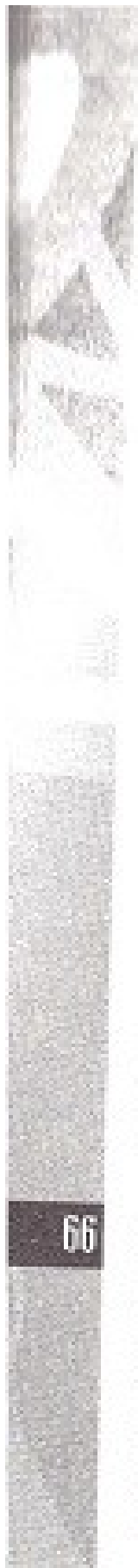
Precisamente, elas procuraram falar ao público do Congresso através da *dragagem*. A princípio, pensou-se que tal modo de expressão não tivesse qualquer significado dentro da proposta do evento, além do simples entretenimento dos demais participantes. Mas, ao observar o silêncio e a atenção do público geral, admirado a cada apresentação e aplaudindo as travestis com pedidos de “bis” (Ferreira, 2002, n.c.), co-

meçou-se a refletir se a *dublagem* teria um conteúdo político naquele contexto. Por algum tempo, sentiu-se as expectativas frustradas, pois se esperava que as poucas travestis que ali estavam presentes fizessem um discurso "politicamente correto", como é de praxe nessas ocasiões.

Como foi dito anteriormente, a *dublagem* é um aspecto muito ligado à subcultura homossexual e, mais especificamente, às travestis, aos transformistas e às *drag queens*. Nos anos de 1980, programas como o *Tubo do Babilônia* e *Show de Calouros* se tornaram célebres pelos quadros em que transformistas e travestis dublavam cantoras da música popular brasileira, da *dance music* e do *pop* internacional⁹. Tal arte consiste num complexo processo de aprendizado, no qual a expressão facial, os movimentos labiais e o gestual do corpo são harmoniosamente combinados à melodia da música que simulam cantar. O estilo de cabelo, as roupas e os acessórios de ornamento do corpo também são cuidadosamente elaborados para melhorar a performance artística dos transformistas, das *drag* e das travestis.

No Congresso dos Direitos Humanos percebeu-se que, quando as travestis dublam, elas parecem transcender da condição de "desviantes" (Goffman, 1980; Velho, 1985) para o *status* de artistas. Rogéria ilustra bem essa situação, pois, como ela mesma explica, "Quando eu subo num palco e emocio a platéia, estou mostrando com isso o quanto de humanidade existe em mim, na minha arte. Muitos homossexuais são militantes, cada um em seu campo" (apud Green, 2000, p.148). Em seu discurso, verifica-se, assim, aquilo que foi observado nas apresentações de Raíssa, Vanessa e Cris Taylor, nas dublagens que realizaram no Congresso. Ou seja, num evento de natureza política, essas travestis recorrem à arte que sabem fazer para reivindicar o respeito à sua androginia.

⁹ Vale destacar, nesse contexto, as diferenças entre as performances de transformistas, travestis e *drag queens*. Os primeiros preferem um visual mais clássico, com longos vestidos, cabelos e maquiagem adequados a uma festa de gala. As músicas que dublam são de grandes cantoras da música popular brasileira, como Elis Regina, Marisa Monte e Maria Bethânia, além de cantoras internacionais como Edith Piaf e Laura Pausini. As travestis, por sua vez, exploram mais o corpo, usando trajes que permitem exibir suas formas femininas, com muitas transparências e às vezes em minúsculos biquínis, topless e seios quase totalmente à mostra. Em suas performances também costumam homenagear cantoras brasileiras e internacionais, como Donna Summers e Gloria Gaynor. Já as *drag queens* recorrem a um visual de vanguarda, ultracolorido, inclusive no cabelo e na maquiagem. O estilo musical característico para suas performances é o *Techno*, um ritmo eletrônico que vem fazendo grande sucesso nas pistas de dança, como o fez a *dance music* dos anos de 1970.



Desse modo, quando dublam, elas realizam um jogo de sedução diferente daquele que fazem na pista, pois o elemento que desperta a admiração da plateia que as observa é a beleza deste tipo de arte. É, como declarou Rogéria, a arte também pode ser entendida como um "campo" de militância, a qual certamente se dá num outro tipo de linguagem, falada através da música, da expressão corporal e da emoção. Nesse sentido, alfabetizados ou não, os demais participantes do Congresso dos Direitos Humanos pareciam, ao menos naquele momento, ter entendido que as travestis são mais do que *bautas* que estão a imitar a mulher; mas cidadãs que como eles compartilham da mesma condição sociodesvalorizada numa sociedade estruturalmente desigual.

Notas Conclusivas

Muito embora a vida nas cidades moderno-contemporâneas esteja envolta numa rede intrincada de tensões, conflitos e limitações de toda ordem, sobretudo quando se trata de grupos minoritários como as travestis de Belém, que pertencem às camadas mais pobres da população, ela continua a alimentar o sonho de ascensão social. Os casos de Marisa, Michelle, Docinho e Suelma são ilustrativos nesse sentido, uma vez que elas deixaram suas pequenas cidades de origem para tentar melhorar de vida na "metrópole da Amazônia". Como algumas dessas interlocutoras, muitas são as que migram para São Paulo e para o Rio de Janeiro, onde podem realizar *pragmas* por preços mais altos que os cobrados no Norte e no Nordeste. Por conseguinte, tal fato consolida a tese de que as cidades as atraem por conta de sua intensa vida social e econômica, oferecendo, desse modo, não só a possibilidade de ganhos maiores, como também os recursos para a modificação do corpo e uma vida sexo-afetiva mais dinâmica.

Entretanto, a julgar pelas evidências produzidas em campo, as pequenas conquistas dessas pessoas parecem continuar distantes do que as motivou a deixar as cidades onde nasceram. Mesmo entre as travestis que são naturais de Belém, raras são aquelas que conseguiram construir algum patrimônio, especialmente entre as que sobrevivem da atividade prostitutiva. Esse modo de geração de renda, aliás, tem se mostrado mais perigoso do que lucrativo, de modo que a violência praticada por clientes, por homofóbicos ou entre elas – além das extorsões policiais e das doenças sexualmente transmissíveis – são evidências que apontam nessa direção.

De um modo geral, as travestis de Belém ou as que aqui escolhem para morar levam uma vida minimalista. Essa tendência pode ser detectada não apenas no modo de vestir, como também no modo como ocupam pequenos cômodos na casa de parentes ou dos pais, ou, ainda, nos “quartinhos” que alugam com o dinheiro ganho com o trabalho na pista. Certamente, o *glamour* que parecem expressar através de uma sensualidade ímpar oculta as várias dificuldades enfrentadas por elas no espaço urbano, principalmente aquelas motivadas pela intolerância, pelo preconceito ou, para usar uma terminologia muito utilizada pelo movimento homossexual, pela *homofobia*.

A forma limitada com que se movimentam no cenário urbano, porém, não lhes destitui da posição que ocupam no imaginário sexual brasileiro. Nessa perspectiva, é pela sensualidade que as travestis se fazem perceber publicamente, despertando assim o desejo daqueles que, mesmo sob o signo da transgressão e do silêncio, alimentam o investimento delas em seu gênero ambíguo. Por outro lado, em Belém, elas ainda resistem em utilizar-se da cidade para reivindicar direitos cidadãos, tal como vêm fazendo as travestis de Salvador, que criaram a Associação de Travestis de Salvador (ATRAS), na qual são tratadas questões do interesse desse segmento homossexual.

Como se procurou registrar anteriormente, um dado quanto ao pouco engajamento político das travestis que vivem em Belém é a participação quase nula desses sujeitos no MIB, na Parada do Orgulho Gay e no Congresso dos Direitos Humanos. Desse modo, alerta-se aqui para o fato de que um maior envolvimento político desses indivíduos, de algum modo, poderia ajudá-los a conquistar espaços mais igualitários na sociedade local. É somente a partir dessa tomada de consciência que as travestis poderão superar ou, ao menos, tentar amenizar sua socio-desvalorização histórica, num país cuja imagem do Carnaval inspira um clima aparente de tolerância à diversidade sexual de sua população.

BIBLIOGRAFIA

- BELÉM do Pará: onde realmente começa a Amazônia. Belém: SENAC. [s. d.]. Folder turístico.
- CORRÊA, R. L. *O espaço urbano*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios).

- CRUZ, E. *Rios de Belém: significado histórico e suas denominações*. Conselho Estadual de Cultura: Belém, 1970.
- DINIZ, M. A. Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana. *Tempo social: Rev. de Sociologia da USP*, São Paulo, v.4, n.1/2, p.95-109, 1994.
- INSTITUTO do Movimento Homossexual de Belém (MHB). Belém, 1992.
- FERREIRA, R. da S. *Az "bommas" da pista no horizonte da cidadania: uma jornada no cotidiano travesti*. Belém, 2003. 151 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – NAEA/UFPB.
- FESTA da Chiquita/A. Belém, [200-]. Disponível em: <<http://www.belemtur.com.br/portugues/cultura/cirio/profano.htm>>. Capturado em: 19.07.2003.
- FESTA da Chiquita comemora sua 25ª versão. Belém, 2002. Disponível em: <<http://www.amazonia.com.br/cirio2002/profano.asp>>. Capturado em: 19.07.2003.
- FREYRE, G. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 32. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- FRIEDRICH, M. F. Contribuição à formação de uma identidade travestida. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, v.7, n.1, p.26-69, mar. 1996.
- GIRÃO, A. F.; LIMA, F. P. *Neu azul, neu rosa: uma leitura de marketing na prostituição travesti*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1999. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~lary/semanarp/adrianagirao.htm>>. Capturado em: 17.02.2002.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. (Antropologia Social).
- GREEN, J. *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.
- HEILBORN, M. L. *Corpos na cidade: sedução e sexualidade*. In: VELHO, G. (org.). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p.98-108.
- HUBER, J. *Árvores características da beira do Rio Aramuá (Mangó)*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1900.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2000*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/dem/cont.php>>. Capturado em: 29.05.2002.

LANG, S. *Men as women, women as men: changing gender in Native American cultures*. Austin: University of Texas Press, 1998.

MATTA, R. da. *Carnavais, malandro e herói: para uma sociologia do Arlema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MAUSS, M. Noção de técnica corporal. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. v. 2. São Paulo: EPU, 1977. p. 211-218

MOTT, L. *A cena gay de Salvador em tempos de Aids*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2000a.

MOTT, L. *Étno-história da homossexualidade na América Latina*. Salvador, 2002b. Disponível em: <http://geocities.yahoo.com.br/luizmottbr/artigos06.html>. Capturado em: 17.09.2002.

OLIVEIRA, M. O. E. de. *Vocabulário terminológico cultural da Amazônia paranaense*. Belém: UFPA, 2001.

OLIVEIRA, N. M. de. *Damas de pous: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

PARKER, R. G. *Corpos, prazeres e paixão: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

SCHINNARCH, B. Neither man nor woman: Berdache – a case for non-dichotomous gender construction. *Anthropological*, Waterloo, v.34, n.1, p.105-121, 1992.

SILVA, H. R. S. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER, 1993.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELLOZO, O. (org.), *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p.11-25

SIMONIAN, L. T. L. *Homosexuality in frontier areas of the Brazilian Amazon*. New York/Belém, 2004/forthcoming.

SIMONIAN, L. T. L. Belém, Brazil. In: EMBER, M.; EMBER, C. (Ed.). *Encyclopedia of urban cultures: cities and cultures around the world*. v. 1. Danbury: Human Relations Areas Files at Yale University, 2002. p.332-338

- SIMONIAN, L. T. L. Políticas públicas, desenvolvimento sustentável e recursos naturais em áreas de reserva na Amazônia Brasileira. In: COELHO, M. C. N.; SIMONIAN, L. T.; FENZEL, N. (org.). *Estado e políticas públicas na Amazônia: gestão de recursos naturais*, Belém: Cejup, 2000, p. 9-53. (Série Estado e Gestão Pública, 1).
- TUCANTINS, L. *Santa Maria de Belém do Grão Pará*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1996.
- VATICANO ataca união gay: Igreja busca apoio para campanha contra casamentos entre o mesmo sexo. *O Dia*, São Paulo, 29 jul. 2003. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/odia/mundo/mu290703.htm>>. Capturado em: 03.08.2003.
- VELHO, G. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. In: VELHO, G. (org.). *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*, 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p.11-28
- WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, G. (org.). *O fenômeno urbano*, 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987, p. 90-113